



EXPRESSO		AVANTE	
SEMPRE FIXE		PORTUGAL SOCIALISTA	
TEMPO		POVO LIVRE	
O JORNAL	-1. FEV. 1980	ALAVANCA	
NOVA TERRA		UNIDADE	
VOZ PORTUGALENSE		LUTA POPULAR	
		PODER POPULAR	

Escreva connosco

Métodos incompatíveis com o regime democrático

Como cristão e amante da democracia pluralista, não podia ficar indiferente ao que se pode considerar como perseguição político-ideológica: o saneamento — daquela que chefiou, até há bem poucos dias, o V Governo Constitucional — de embaixadora de Portugal na UNESCO.

Como tem sido referido na imprensa (excepto da direita), o assunto é visto como autêntico escândalo nacional. E com inteira propriedade. O Governo da AD diz afirmar-se pelo pragmatismo em detrimento da ideologia; este saneamento prova exactamente o contrário.

Afirmou em tempos o prof. Freitas do Amaral a sua revolta por ter sido saneado das suas funções no chamado período «gonçalvista», o que entendeu por motivação político-ideológica. E teve toda a razão para se revoltar. Porque, agora, que está no poder, seguir os mesmos métodos incompatíveis com

um regime democrático, pluralista e europeu ocidental e atlântico?

O prof. Freitas do Amaral, como muitos milhares de portugueses-cristãos e democratas, entre os quais me incluo, condenou os saneamentos selvagens que ocorreram nos primeiros anos da Revolução de Abril.

Eu, como muitos milhares de portugueses cristãos e democratas, condeno o saneamento da eng.^a Maria de Lurdes Pintasilgo, primeiro-ministro do governo democrático de Portugal que antecedeu o governo AD do prof. Freitas do Amaral.

Foi, e é, moralmente injusto e politicamente inaceitável. O prof. Freitas do Amaral tem, como cidadão e como presidente de um partido político, o direito de discordar, política e ideologicamente, da eng.^a Maria de Lurdes Pintasilgo.

Mas o prof. Freitas do Amaral também tem, como cidadão e como presidente de um partido político, o dever de respeitar, quanto mais não fosse, do ponto de vista humano, aquela que vem desempenhando, com inegável competência, funções de representante de Portugal na

UNESCO, o que tem sido considerado internacionalmente como muito prestigioso para o nosso país.

O bom-senso há-de prevalecer, estou certo. A bem do respeito humano, tão caro à AD. De outro modo os portugueses não compreenderiam. Mesmo muitos daqueles que votaram na Aliança Democrática.

Carlos Henriques
Torres Novas

rar a paz e a justiça nas relações entre os povos.»

Artur Manuel Martins Baião
Paredes

Um futuro político

(...) É neste contexto que surge agora o saneamento (ou melhor, a tentativa de) de Maria de Lurdes Pintasilgo, do cargo de embaixadora de Portugal junto da UNESCO.

Trata-se, porventura, do primeiro grave erro político de Freitas do Amaral. É que, se bem que a sua linguagem seja diferente do estilo, arrogante e conceptualmente primário, de Lucas Pires, e «enfant terrible» do seu partido, revela-se agora, talvez mais claramente, que a diferença entre ambos reside mais no aspecto formal do que no ideológico.

E a Lurdes Pintasilgo, militante católica, não pode o Governo «AD» rotular de «comunista», essa palavra que aparece de forma obsessiva no seu (da «AD») discurso político. Tão pouco poderão alegar uma «conveniente» incompetência.

É que, se bem que nem sempre concordemos (parece que nem a própria Lurdes Pintasilgo está totalmente satisfeita) com as medidas tomadas nos curtos meses do seu Governo, não podemos deixar de constatar, a par da sua coerência, a competência revelada.

Assim, restou ao Governo Sá Carneiro o recurso à «falta de confiança política»: em termos simples, tratar-se-ia de uma «terceiro-mundista», oposta portanto à visão (estrita) de Amaral (o ministro dos Negócios Estrangeiros) em termos de política externa.

Só que, ao menos por enquanto, a Constituição está em vigor, e deve portanto ser cumprida e respeitada. É ela, no seu art.º 7.º, que indica os princípios que deverão presidir às nossas relações internacionais, referindo nomeadamente a «cooperação com todos os povos para a emancipação e o progresso da humanidade» e a «criação de uma ordem internacional capaz de assegu-

Carta aberta a Maria de Lurdes Pintasilgo

Maria, digo bem, mar e ria, sim, mar e ria, queremos mais, mais, queremos ver-te rir, rir como tu sabes, como só tu, podes!

Sim, queremos, isso, isso mesmo, sem mais. Nem mais, nem menos, queremos isso, de ver-te rir, enfim, rir e não só sorrir, isso já vimos que és capaz, já nos mostraste que és, sim já.

Agora, queremos mais, queremos ver-te para alguém disso, queremos ver-te antes disso, simplesmente, Maria. Só isso, percebes, é só isso que queremos, Maria, só isso!

Porque o resto, o resto, já conhecemos, e estamos fartas, entendes, fartinhas, até aos cabelos, até às pontas dos cabelos.

Engolimos até não podermos mais, e não podemos, mais, suportar isso, não, mais não!

Chegou a nossa hora também, Maria, enfim, Maria, até que enfim, mesmo, já não era sem tempo, já!

Víamos saudar-te, percebes?

saudar-te e mostrar-te que estamos contigo, sim, contigo nisto de resistir, de resistir à mudança que nos impingem os tempos que correm e não nos contemplam, nem muito, nem pouco.

Nós, Marias e outras, queremos ser, poder ser, porque somos Portugal, e sabemos, percebes? Sabemos que somos, não estamos nem cegas, nem surdas, embora às vezes pareçamos, sim, mas não parecemos ainda, longe disso, Maria, longe disso!

O que estamos, é mais perto, da pessoa, daquilo que queremos, é, exactamente, daquilo que queremos, sim, isso mesmo.

E queremos, o Longe, percebes? O que parece impossível mas não é, não é, isso já nós sabemos!

Vá, ri-te connosco, Maria, ri-te sem receio, já passamos o cabo e a dor, também, vá, coragem, é só mais um passinho, só mais um jeitinho, dá esse passo connosco, vá, dá lá, canta, canta connosco a mulher, em nós, força!

Um grupo de mulheres do Porto